

A INCLUSÃO DA MULHER NO MERCADO DE TRABALHO

MUZEL, Bianca Carvalho

Graduada em Administração de Empresa pela Faculdade de Ciências Sociais e Agrárias de Itapeva

CUNHA, Glaucia Maldonado Guerra da

Graduado em Tecnologia Química e Especialista em Tecnologia da Gestão da Qualidade, docente da Faculdade de Ciências Sociais e Agrárias de Itapeva

RESUMO

A mulher desde os primórdios foi ensinada a ser subordinada ao homem, o que por muito tempo se prevaleceu, mas com todos os acontecimentos que ocorreram na história, como as Guerras Mundiais e a consolidação do sistema capitalista, as mulheres tiveram que se impor em alguns setores do mercado de trabalho. A partir disto, algumas leis começaram a beneficia-las. E cada vez mais elas foram conquistando seu espaço, ampliando seus âmbitos de trabalho, obtendo rendimentos de forma mais acelerada e se destacando na procura por especialização. Mas mesmo com todas estas conquistas, elas ainda se encontram em desvantagens, ainda é nítido a desigualdade enfrentada por elas, obtendo salários menores, sofrendo diversas descriminalizações e preconceito. O objetivo deste artigo é apresentar dados que provem a desigualdade entre os dois gêneros, onde se buscou apresentar tópicos que destaquem as conquistas e lutas que elas tiveram e ainda os problemas e preconceitos enfrentados por elas.

Palavras-chave: Mulher, Desigualdade, Mercado de trabalho.

ABSTRACT

Woman from the earliest times was taught to be subordinate to man, which for a long time prevailed, but with all the events that occurred in history, such as the World Wars and the consolidation of the capitalist system, women had to impose themselves on some sectors of the labor market. From this, some laws have begun to benefit them. And more and more they have been conquering their space, expanding their scopes of work, obtaining incomes of forms more accelerated and being highlighted in the search for specialization. But even with all these achievements, they still find themselves at a disadvantage, the inequality they face is still clear, they earn lower wages, suffer various decriminalization and preconception. The objective of this article is to present data that prove the inequality between the two genres, where it was sought to present topics that highlight the achievements and struggles they had and the problems and prejudices faced by them.

Keywords: Woman, Inequality, Labor Market.

1. INTRODUÇÃO

Segundo Probst (2003) desde o começo do século, sempre se foi ditado que o marido/homem seria o provedor de toda a renda e economia da família, já a mulher não podia ser encaixada em sua parte econômica, apenas sendo a cuidadora do lar e da família. E as que não teriam esta “sorte” de casar, ou ficavam viúvas teriam que fazer serviços mal vistos e mal remunerados para se sustentar como bordados, arranjo de flores, doces e etc., mas foi devagar e só a partir dos anos 70 que algumas mulheres foram conseguindo criar seu espaço e começaram a deixar de lado o estereótipo de ser apenas dona do lar, esposa e mãe e começaram a fazer diferença no mercado de trabalho.

Seguindo isso, Abramo (2007) diz que é notável que com passar dos tempos houve um grande crescimento nos níveis de escolaridade e participação feminina no Brasil, mas ainda assim persistem sérios obstáculos na inclusão e igualdades para mulheres em comparação aos homens no mercado de trabalho. Ainda Abramo (2007) destaca que a mulher no Brasil já representa 42% da População Economicamente Ativa e já são mais escolarizadas, entretanto ainda existem importantes desigualdades em rendimentos por hora trabalhada e a taxa de desemprego é significativamente mais alta.

Desta forma, quando se trata da inclusão da mulher no mercado de trabalho, se tem a percepção de que seus direitos e índices de inclusão e de representatividade melhoraram, mas em contrapartida também se nota que existem pontos importantes para melhorar, sendo sua diferenciação salarial, preconceitos e descriminalização.

Desta forma, esta pesquisa tem como objetivo traçar algumas considerações focadas em conceitos amplamente difundidos para compreender as dificuldades enfrentadas pelas mulheres no mercado de trabalho.

Esta pesquisa buscar entender as variáveis e acontecimentos sobre o tema, assim levantando a seguinte questão: Por que mesmo com tantos avanços e conquistas, a mulher ainda enfrenta desigualdade no mercado de trabalho?

Com isso, segue as hipóteses que poderiam ser causadoras desses acontecimentos: o histórico da mulher, que por muito tempo elas não foram vistas como mão-de-obra econômica, o preconceito dela ser considerada e taxada de sexo frágil, assim, as indicando apenas para trabalhos secundários, e a maternidade, como um dificultador do seu bom desempenho no ambiente de trabalho. Com este trabalho, espera-se desenvolver uma pesquisa que trará fatos e dados que confirmem ou não, e expliquem estas situações enfrentadas.

2. MATERIAIS E MÉTODOS

De acordo com Gerhardt e Silveira (2009), esta pesquisa se caracteriza como bibliográfica, pois os dados foram coletados por meio de livros, sites e artigos científicos no qual analisaram suas ideias, pensamentos e dados sobre a dificuldade da inclusão da mulher no mercado de trabalho. Caracteriza-se como uma pesquisa qualitativa e exploratória, pois foram analisadas obras que discutem e possuem ideais sobre este tema, e também possui procedimentos técnicos histórico e comparativo, pois analisa a história da mulher na sociedade e as compara com o sexo oposto.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Segundo Silva (2010) a desigualdade entre homens e mulheres já vem de muito tempo, desde o tempo dos gregos antigos, onde se acreditavam que as mulheres eram bem inferiores aos homens, sendo que eles podiam ter uma vida pública, já elas, tendo que se limitar a serem donas de casa, esposas e cuidadora de seus filhos, e qual tentasse mudar isto se incluindo na vida pública, tinha como destino a guilhotina. E mesmo com a Revolução Francesa, onde se pedia igualdade, esta igualdade não se cabia as mulheres, já que queria se manter a hierarquia do sexo masculino, e se

elas tivessem os mesmos direitos elas teriam que ter acesso a mesmas condições sociais, tendo educação, poderiam ocupar os mesmos espaços que eles.

A história da mulher mudou a partir da década de 60, motivados por movimentos feministas, movimento este organizado a partir do Ocidente, pois a partir deste ano as mulheres tiveram grandes conquistas no mercado de trabalho, na política, economia e até mesmo sobre seu próprio corpo. E no final do século XIX começou a acontecer manifestações de discriminação da mulher, assim dando mais viabilidade ao direito de voto da mulher. (LASCH, 1999 apud SILVA, 2000).

Probst (2003) destaca que esta luta se enriqueceu também pela consolidação do sistema capitalista, no século XIX, no qual trouxe várias mudanças, pois aumentou o crescimento tecnológico e o crescimento maquinário das fabricas, precisando de mais mão-de-obra, tendo assim que trazer a mão-de-obra feminina para as fabricas.

A partir, disto algumas leis começaram a beneficiar também as mulheres:

Ficou estabelecido na Constituição de 32 que “sem distinção de sexo, a todo trabalho de igual valor correspondente salário igual; veda-se o trabalho feminino das 22 horas às 5 da manhã; é proibido o trabalho da mulher grávida durante o período de quatro semanas antes do parto e quatro semanas depois; é proibido despedir mulher grávida pelo simples fato da gravidez. (PROBST, 2003, p.2)

Probst (2003) segue contando que, mesmo com essa lei, não fez com que a exploração e discriminação acabasse, pois, trabalhos abusivos ainda continuaram, com grandes diferenças salariais e justificativas como quais o homem trabalhava para sustentar a mulher, sendo assim, ela não teria motivos para ganhar a mesma coisa ou mais.

Probst (2003) ainda traz um cenário atual em relação ao Brasil, onde destaca que, as mulheres tiveram um grande crescimento em setores em geral de trabalho, confirmando o que também disse Abramo (2007), que as mulheres já representam pouco mais de 40% da classe ativa economicamente, mas ambos ainda destacam que mesmo com este número, elas ainda encontram em desvantagens, como trás

Probst (2003) elas ainda ocupam apenas 24% dos cargos de gerencia, e recebem, em média, 71% menos dos salários dos homens, em serviços menos qualificados.

De acordo com Bruschini e Puppini (2004), as principais justificativas dadas a estes números são a falta de escolaridade e aperfeiçoamento que as mulheres tiveram até pouco tempo e a maternidade como um grande gerador de dificuldade para o trabalho das mulheres, o que algumas vezes também dificulta sua formação. Mas eles também trazem que esses aspectos vêm mudando com o passar dos anos e desenvolvimento da sociedade, onde a taxa de fecundação em média de 2 filhos, entre 1980 e final da década de 90, diminuindo com isso as famílias também, que a partir do final de 1990, reduziu 3 ou 4 membros. Aumentando também relativamente o número de mulheres que chefiam as famílias, chegando ao final do século, 26% do total de famílias do Brasil.

E sobre o argumento de baixa escolaridade, Probst (2003) traz pesquisas que mostram que as 30% das mulheres trazem em seu currículo mais de dez anos de escolaridade, já os homens apenas 20%. Sendo segundo a Fundação Seade, que em 2004, apenas 35% das mulheres contavam com o ensino médio completo em seus currículos, e ao final da década aumentou para 43%.

As mulheres são muito vistas como uma mão-de-obra secundária, pelo fato de sempre ligarem elas a afazeres domésticos e prestação de cuidado, sendo visto que a mulher só ingressa no mercado de trabalho, quando o homem não faz seu papel, ou seja, está desempregado, não está em condições de sustentar a casa sozinho e precisa de ajuda financeira, ou em casos de divórcio ou falecimento do marido. Tanto que há pouco tempo atrás era explícito de que a mulher não ganhava menos por não ter qualificação ou ser menos produtiva, mas sim, porque se usava o argumento de que ela não precisava receber um salário para sobreviver, pois, seus maridos já as sustentavam. (THOMAS, 2001 apud ABRAMO, 2007). E esta ideia persiste até hoje, mesmo que todos os dados indiquem que isto é algo completamente fora da realidade.

Soares (2000) explica estas diferenças para mulheres ressaltando que a sociedade cria a discriminação, na qual se é implantado um padrão que deve ser

seguido, e os quais não o seguem são prejudicados, julgados, sendo por gênero, opção sexual, religião, origem social, etc., e o ambiente de trabalho é um dos lugares que mais pode se notar essa discriminação, o que também é citado por Abramo (2007) que diz que a imagem de gênero sobre os homens e as mulheres no trabalho são de grande importância, pois em geral é desvalorizado o trabalho da mulher, mesmo com todas estas mudanças. Tendo estes dados e sabendo que a evolução da mulher vem sendo grande, logo pode se pensar que é imposto para a mulher se sentir inferior, a dando trabalhos secundários, assim as desmotivando para cargos melhores, para que as mesmas não ganhem o mesmo ou superior ao do homem “chefe de família”.

Porém, esta tática não está fazendo efeito, pois Bruschini (1978) já trazia dados de que as mulheres estão cada vez mais procurando seu destaque, sendo que segundo o MEC 1977, subiu de 26% em 1956, para 47% em 1977 o número de mulheres procurando universidades. Já em 2009 o Censo da Educação Superior revelou:

As mulheres predominam entre os estudantes universitários. Na graduação presencial, elas representam 55,1% do total de matrículas e a 58,8% do total de concluintes. Na modalidade educação a distância, 69,2% das matrículas e 76,2% dos concluintes são do sexo feminino. (MINISTERIO DA EDUCAÇÃO, 2011).

Bruschini e Puppini (2004) ainda nos trazem que no ensino superior na última década as mulheres ampliaram sua presença atingindo 61%. Mas as áreas de conhecimento mais procuradas por elas são “Linguística, Letras e Artes (83%), Ciências Humanas (82%), Ciências Biológicas (74%) e Ciências da Saúde (67,6%)” que as preparam para áreas mais “femininas”, entretanto, elas também têm passado o grupo masculino em cursos como Administração, Arquitetura/Urbanismo e Direito.

Estes dados mostram os grandes avanços e superações que as mulheres vem conquistando, pois antes elas eram apenas as donas de casa, esposas e mães, de acordo com o passar dos tempos e lutas, elas já se tornaram além de grandes

profissionais e vem cada vez mais ocupando espaços e cargos nos ambientes de trabalho. (PROBST, 2003)

Para Abramo (2007) as imagens referentes as mulheres trabalhadoras em empresas ainda são cheias de mitos e preconceitos, voltados para que elas trarão muitos prejuízos para as empresas, pelas suas sensibilidades, maternidade, e falta de posição para se impor para com outros homens no ambiente, sendo este impor confiança e respeito e este é um dos maiores desafios da mulher, acabar com esse grau de percepção de rebaixamento e inferioridade que a sociedade e os padrões lhes impuseram.

Mas em suas finalizações Probst ressalta:

A própria estrutura social deu margem a esta tal divisão de trabalho. A regra é clara: homens são os que mandam e mulheres, as subordinadas.

Em contrapartida, o século 20 mostrou a chamada inversão de papéis. Ou seja, as mulheres conquistando maior destaque no competitivo mundo dos negócios e os homens, por sua vez, assumindo a manutenção do lar e o cuidado com as crianças. Mas se as mulheres desejarem sair vencedoras nesta empreitada, terão de dominar as regras que eles criaram. (PROBST, 2003 , p.7).

4. CONCLUSÃO

A mulher sempre enfrentou dificuldades para se impor diante a sociedade, na qual via a mulher como uma figura frágil e submissa, e isto se prosseguiu por muito tempo, mas com o passar dos tempos elas foram conquistando, devagar, mas cada vez mais seu espaço, começando por direitos mínimos se incluindo na vida pública e econômica da sociedade, assim, conquistando direito a voto, estudo e entrar no mercado de trabalho. Mas mesmo com todo este avanço na vida das mulheres, ainda persistem muitos tabus e desigualdades em cima delas.

Estes tabus tornam todas as coisas, em grandes batalhas, elas precisam estudar mais para poderem ter mais respeito e mesmo assim, acabam sendo desqualificadas apenas por ser “o sexo frágil”, elas acabam tendo que procurar empregos secundários, ou de baixa qualidade, pois os mais qualificados, não as

aceitam, ou as aceitam, mas com salários menores. Elas enfrentam sempre perguntas e olhares diferentes do sexo oposto, como em entrevistas de emprego, perguntas pessoais, sobre família e filhos, que é uma das maiores justificativas para estes problemas.

Por conta disto, hoje as mulheres vêm se destacando em escolas, universidades e cursinhos, e vem cada vez mais deixando de lado sua vida familiar, casamento e filhos, para tentar conquistar um espaço maior e mais reconhecido dentro do mercado de trabalho. Mas ainda persistem áreas em que elas são impostas, e mesmo inconsciente, elas acabam escolhendo por serem mais aceitas, como profissões do cuidar, ensinar, zelar de algo.

E enquanto ainda houver esta desigualdade e olhar para a mulher como alguém diferente e cheia de limitações, estes problemas ainda permaneceram, elas terão que seguir profissões taxadas femininas, ganharam menos que os homens, serão desqualificadas por suas particularidades, e ainda sofrem pesos maiores, como assédios morais e sexuais, ou seja, elas continuam a cada dia, tendo que se esforçar o dobro ou triplo para mostrarem que são tão capazes que os homens, todos os dias.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMO, L.W. **A inserção da mulher no mercado de trabalho: Uma força de trabalho secundária?** Universidade de São Paulo, 2007.

BRUSCHINI, C. e PUPPIN, A. B. **Trabalho de mulheres executivas no Brasil no final do século XX.** Departamento de Pesquisas Educacionais da Fundação Carlos Chagas. Faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense – Rio de Janeiro, 2004

GERHARDT, T. E. e SILVEIRA, D. T. (Org). **Metodos de pesquisa**. Porto Alegre, RS: Editora da UFRGS, 2009, 120 p. (Série Educação a Distância).

Ministerio da Educação. **Mulheres são maioria entre os universitários, revela o Censo**. <<http://portal.mec.gov.br/component/tags/tag/32123>> Acesso em: 22 de Maio de 2017.

PROBST, E.R. **A evolução da mulher no mercado de trabalho**. Instituto Catarinense de Pós-Graduação. Santa Catarina, 2003.

SILVA, S. G. da. **Preconceito e discriminação: As bases da violência contra a mulher**. Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2010.

SOARES, S. S. D. **O perfil da Discriminação no Mercado de Trabalho – Homens Negros, Mulheres Brancas e Mulheres Negras**. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, 2000.